

DESTERRITORIALIZAÇÃO E COSMOPOLITISMO EM ASSANDO BOLOS EM KIGALI (BAKING CAKES IN KIGALI, 2009)

Cristina Mielczarski dos Santos¹
Ana Lúcia Liberato Tettamanzy²

RESUMO

Este texto tem como objetivo discutir a presença de elementos pós-coloniais da obra *Assando bolos em Kigali* (Baking cakes in Kigali), da escritora africana Gaile Parkin (2009). Por intermédio dos conceitos de territorialização e desterritorialização de Deleuze & Guattari (1997), bem como do conceito de cosmopolitismo de Kwame Anthony Appiah (2007), procuramos ressaltar esses mecanismos simbólicos e narrativos que permitem ressignificar as adversidades do tempo presente enfrentadas por países africanos frente a guerras, genocídios e violências de gênero.

Palavras-chave: Literatura africana. Territorialização. Desterritorialização. Cosmopolitismo.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the presence of post colonial elements in the literary work *Assando Bolos em Kigali* (Baking cakes in Kigali), of the African writer Gaile Parkin (2009). Through Deleuze & Guattari's (1997) concepts of territorialization and deterritorialization, as well as Kwame Anthony Appiah's (2007) concepts of cosmopolitanism, we aim to highlight these symbolical and narrative mechanisms who allow the reframing this time of adversity faced by African countries facing war, genocide and gender violence.

Keywords: African literature. Territorialization. Deterritorialization. Cosmopolitanism.

¹ Doutoranda da área de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas (PPG-UFRGS). E-mail: crismielczarski@yahoo.com.br.

² Professora de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas da UFRGS. E-mail: atettamanzy@terra.com.br.

Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais. (Provérbio árabe).

Es preciso advertir que el cosmopolita valora la diversidad cultural por lo que ésta hace posible para la gente. En el corazón del cosmopolitismo moderno está el respeto por la diversidad de la cultura, no porque las culturas sean importantes em si mismas, sino porque las personas son importantes y la cultura les importa. (KWAME ANTHONY APPIAH).

1 A DESTERRITORIALIZAÇÃO DAS LITERATURAS AFRICANAS NO ESPAÇO PÓS-COLONIAL

Assando bolos em Kigali (Baking cakes in Kigali, 2009) é o primeiro romance da escritora africana Gaile Parkin, nascida na Zâmbia. Além de livros infantis, também escreveu *When Hoopes Go To Heaven* (2010). Parkin viveu dois anos em Ruanda, trabalhando como voluntária, professora e conselheira de estudantes com HIV/AIDS e de mulheres e meninas que sobreviveram à guerra. Muitas das histórias do livro que aqui será abordado são inspiradas em experiências que ela ouviu ou presenciou.

Nessa narrativa estão implicados variados processos de desterritorialização. Num sentido mais amplo, desterritorializar é tirar o território a alguém ou o caráter territorial a algo, ou ainda retirar do território ou do contexto habitual.³ Pode ser definida como uma quebra de vínculos, um afastamento de território, havendo, assim, uma perda de controle das territorialidades pessoais ou coletivas ou do acesso a territórios econômicos e simbólicos. Quando esta mudança no vínculo que une ao território acontece se está perante um processo de desterritorialização.⁴

Segundo Octavio Ianni (1996, p. 169) “o sujeito do conhecimento não permanece no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários”. Partindo da ideia de que território é aquele espaço de estabilidade e organização, a ação de desterritorializar é uma ação de desordem, de

fragmentação para buscar saberes menos instituídos, adotando uma percepção diferenciada que está pronta para descobrir novas ideias além das previstas.

No caso das literaturas africanas (e também das latino-americanas), os processos levados a cabo pelo expansionismo europeu desde meados do século XV impuseram condicionantes às formas de apropriação, pelos sujeitos das terras colonizadas, de seus espaços geográficos e simbólicos, ocasionando desterritorializações. Como explica Edward Said (1990), as perspectivas narrativas e epistemológicas “orientalistas” filtraram um conhecimento ocidental sobre o Oriente ao proporem representações distorcidas de culturas e povos. O empreendimento imperial da Europa e dos Estados Unidos nos séculos XIX e XX implicava a confirmação de estereótipos e a anulação moral e existencial do oriental, sobretudo do árabe, por não se encaixar nos conceitos de civilização impostos como universais. Sendo assim, os “olhos imperiais” se encarregaram de carregar de exotismo e selvageria as paisagens e as gentes expostas à aventura do Ocidente e à sua narração que se pretendia global ou planetária quando, em verdade, se tratavam de “zonas de contato”: nos termos de Mary Louise Pratt (2011, p. 33), estas envolvem o espaço compartilhado por pessoas separadas geografica e historicamente, sob relações que implicam coerção, desigualdade radical e conflitos intoleráveis. Até mesmo o cinema, desde seu surgimento, em grande medida “uniu narrativa e espetáculo para contar a história do colonialismo sob a perspectiva do colonizador” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 159), contribuindo para a sistemática bestialização e anulação de povos e culturas em conformidade com as fantasias imperiais.

Se isso vale para as “ficções” que se estabeleceram sobre esses lugares do planeta, despojados de si mesmos ou silenciados pelas lentes do etnocentrismo, o mesmo conflito percorre as literaturas que surgem terminados (em tese, ao menos) os processos coloniais. Sobre as literaturas africanas em língua portuguesa, Inocência Mata (2003, p. 49) entende que estas se encontram numa dupla encruzilhada entre a catarse dos lugares coloniais (ainda não totalmente processados) e a revitalização de novas utopias que pluralizem o corpo da nação e ao mesmo tempo repensem o projeto monolítico de nação e de identidade nacional.

A desconstrução o imaginário do centro e do império passa, então, a ser central nas escritas e

³ Conforme definição disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/desterritorializa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

⁴ Conforme definição disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/desterritorializa%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

nas criações pós-coloniais que surgem em práticas linguísticas e discursivas que recuperam o silenciado nessas culturas, desde a autoimagem até o encontro de um lugar no mundo. Trata-se de desterritorializar práticas consolidadas (no caso, as referidas acima sobre as fantasias e projeções imperiais) e reterritorializar sujeitos e coletividades terminada a experiência traumática do colonialismo, que passa a ser mediada por relações de poder e legitimação em escala planetária.

Em tal contexto global, contrariamente ao que se poderia supor, as possibilidades de diálogo entre mundos conectados por redes virtuais e comerciais de larga escala são muitas vezes atravessadas por irracionalismos, intolerância e tribalismos regressivos. O ganhador Kwame Anthony Appiah discute as dificuldades atuais em viver eticamente como “cidadão do mundo”, ou seja, como alguém que age de maneira cosmopolita e considera os interesses dos que lhe são desconhecidos: “Nos insta a conocer la situación en que se encuentran los demás, y después usar la imaginación para ponernos en su lugar” (2007, p. 99). Outro aspecto importante nessa relação com a diferença diz respeito ao papel que Appiah atribui às histórias, fossem elas lidas ou recitadas na vida cotidiana: “Si una comunidad no tuviera historias, si sus integrantes carecieran de imaginación narrativa, no la reconoceríamos como una comunidad humana” (2007, p. 60). Além de humanizar as relações, “evaluar historias junto con otras personas es una de las maneras más importantes en que los seres humanos aprendemos a alinear nuestras reacciones ante el mundo” (idem). Sendo assim, a leitura que segue sobre o romance de Gaile Parkin fundamenta-se no potencial das histórias para o compartilhamento das experiências humanas, condição para o cosmopolitismo.

2 O COSMOPOLITISMO QUE RETERRITORIALIZA EM ÁFRICA

No romance *Assando bolos em Kigali*, a narradora e protagonista Angel Tungaraza, que nasceu em Bukoba, localizada na Tanzânia⁵ ocidental, vai morar em um condomínio em

⁵ A Tanzânia foi colônia alemã de 1880 a 1919. O país também foi colônia britânica de 1919 até 1961. A Alemanha na Primeira Guerra Mundial perde esta colônia que passa às mãos do Reino Unido.

Ruanda, mais precisamente na cidade de Kigali⁶, onde seu marido, Pius, trabalha no KIST - *Instituto de Ciência e Tecnologia de Kigali*. Pius Tungaraza desenvolve projetos de sustentação ambiental na universidade. Angel, juntamente com seu marido, após a morte de seus dois filhos, Joseph e Vinas, passa a criar os cinco netos. Assim, de Joseph, que foi morto em casa por uma bala de um assaltante, ficaram os netos Benedict, de treze anos, Grace, de onze anos, e Moses, de seis anos. Por outro lado, de sua filha Vinas possuem um casal de netos, Faith e Daniel.

Para sobreviver, Angel prepara bolos, que poderíamos chamar de *arte açucarada* pela delicadeza no preparo e singularidade nos temas com os quais arquitetonicamente produz as coloridas iguarias. Para cada cliente que recebe em sua casa, prepara um chá e, enquanto ele preenche o “Formulário de pedido de bolo”, a doceira procura conhecer um pouco sobre sua vida, para saber como elaborará o bolo. Um avião? Um telefone? Uma bandeira? Um microfone? Depende da *backstory*⁷ da pessoa. Através dessas íntimas histórias, o leitor tem acesso à situação de muitos homens e mulheres que vivenciaram a guerra e que ainda sofrem as consequências do genocídio ugandense. De acordo com o que afirmara Appiah (ano), para que não se viva num mundo de estranhos, as histórias podem ser um caminho de identificação que permite a essas vidas danificadas recuperar algum grau de humanidade. Nisso também podemos identificar um processo de construção um novo território, tanto físico como simbólico, para substituir o vazio legado pela guerra e pelo exílio. Resumidamente, afirma-se que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga”, e a reterritorialização é o movimento de construção do território (DELEUZE;

⁶ Kigali foi fundada em 1907 sob domínio colonial alemão, tendo-se tornado capital do Ruanda na época da independência em 1962. Com início em sete de abril de 1994, a cidade foi palco do Genocídio de Ruanda, com cerca de um milhão de tutsis mortos pelas milícias hutus e pelo exército de Ruanda, e de intensos combates entre o exército (dominado por hutus) e a Frente Patriótica de Ruanda (dominada por tutsis). Apesar de danificada, a estrutura da cidade foi recuperada posteriormente.

⁷ *Backstory*, conceito utilizado por Linda Seger, referindo-se à história do passado das personagens.

GUATTARI, 1997, p. 224); no primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam; no segundo, eles se reterritorializam como novos agenciamentos de corpos e coletivos de enunciação.

Deleuze e Guattari (1997, p. 41) propõem ainda a distinção de dois tipos de desterritorialização, a desterritorialização relativa e a desterritorialização absoluta:

Pode-se mesmo concluir [...] que o menos desterritorializado se reterritorializa sobre o mais desterritorializado. Surge aqui um segundo sistema de reterritorializações, vertical, de baixo para cima. [...] Em regra geral, as desterritorializações relativas (transcodificação) se reterritorializam sobre uma desterritorialização absoluta.

A desterritorialização relativa refere-se ao próprio *socius*, é o abandono de territórios criados nas sociedades e sua concomitante reterritorialização. A desterritorialização absoluta remete-se ao próprio pensamento. No entanto, como veremos mais adiante, os dois processos se relacionam, um perpassa o outro. Além disso, devemos ressaltar novamente que, para os dois movimentos, existem também movimentos de reterritorialização relativa e reterritorialização absoluta.⁸

No romance o condomínio, metonímia de Uganda, abriga histórias e estórias formando um microcosmo da sociedade local, onde se encontram pessoas das mais variadas partes do mundo: Somália, Inglaterra, Estados Unidos, Egito, Japão, todos muito empenhados na re(construção) do país e envolvidos em diferentes processos de reterritorializações dados os distintos contextos e origens dessas pessoas e as adaptações que precisam realizar na sociedade de destino. O principal *leitmotiv* do romance é o genocídio perpetrado pelos Hutus sobre os Tutsis. Os *Génocidaires* empregavam a desculpa para o

genocídio alegando que os Tutsis teriam vindo do Egito: “Os Tutsi eram árabes e não africanos”⁹. Nesse quadro de conflitos étnicos violentos, ocorrem reterritorializações verticais: são vários os grupos deslocados de sua origem, mas uns acabam por se impor a outros, legitimando outras formas de dominação e até mesmo a desterritorialização absoluta, a do pensamento, já que opera um argumento duvidoso para justificar a matança generalizada.

O genocídio atingiu todos os membros das famílias Tutsis, das crianças aos velhos. Para os sobreviventes restaram as consequências e os traumas, assim como a difícil tarefa de reconstruir suas vidas. Tal é a história de Françoise, que possui um pequeno restaurante, o *Chez Françoise*. A mulher conseguiu salvar seu filho mais novo, Gérard, pois estava com ele amarrado às suas costas; contudo, assistiu ao assassinato de seu marido e de seu outro filho no portão de sua casa, sem poder fazer nada para impedir. O casal escondia pessoas fugidas da matança no teto de sua casa; quando descobertos, foram todos liquidados:

Deixe-me dizer uma coisa a respeito da sobrevivência, Angel. As pessoas falam de sobrevivência como se fosse algo bom, uma espécie de benção. No entanto, pergunte por aí aos sobreviventes e você vai descobrir que muitos admitirão que sobreviver nem sempre é a melhor escolha. Há muitos de nós que desejam todos os dias não ter sobrevivido. (PARKIN, 2009, p. 227).

Toda a família de Françoise havia sido massacrada, restava a ela (re)construir a sua vida sobre os destroços, convivendo com recordações que ainda assombram seus sonhos

⁸ Para uma maior compreensão sobre estes conceitos, ver artigo *A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari*, de Rogério Haesbaert e Glauco Bruce, disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/74/72>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

⁹ O antropólogo Jean Hiernaux alega que os tutsis são uma raça à parte, com uma tendência de “cabeças longas e rostos e narizes estreitos”, outros, como Villia Jefremovas, acreditam que não há diferença física discernível e as categorias não foram historicamente rígidas. Na Ruanda pré-colonial, os tutsis eram a classe dominante, da qual os reis e a maioria dos chefes foram derivados, enquanto os hutus eram agricultores. O atual governo desencoraja a distinção Hutu/Tutsi/ Twa e removeu essa classificação das cédulas de identidade.

e sua memória. Como conviver com a lembrança dessas atrocidades? Ao modo das duas formas de desterritorialização da cartografia de Delleuze e Guattari, esses sobreviventes vivenciam, num primeiro momento, o afastamento físico dos que foram dizimados, e, posteriormente, a fragilidade extrema do pensamento condenado a negar a memória individual e a coletiva, posto que feitas de violação e barbárie.

Assando bolos em Kigali destaca outro tipo de desterritorialização na trajetória de Angel e de outras personagens femininas. No caso, a complexa situação da mulher na África Oriental, mais especificamente em Uganda, suas dificuldades e conquistas perante um mundo destruído pelo massacre, assolado pela Aids e fragmentado econômica e socialmente. A autora destaca a violência na forma da prostituição feminina, revelada na figura de Jeanne d'Arc, profissional do sexo. A menina, com apenas dezessete anos, cria dois irmãos menores (Solange, com idade entre onze e treze) e um menino pequeno, Muto: "Tenho sido mãe deles desde 1994." (PARKIN, 2009, p. 252). Foi obrigada a seguir esse meio de sobrevivência após a morte dos membros de sua família na guerra, quando foi estuprada pelas milícias e, como tal, ficou "estragada" para o casamento.

Violência esta que também marcou o caso da amiga da Dra. Rejoice, a enfermeira Odile, que trabalha no Centro Médico-Social, em Biryogo. Odile e o irmão foram os únicos sobreviventes de sua família no genocídio. Ela ficou impossibilitada de conceber filhos após sofrer tortura: "No genocídio, eles cortaram as partes dela com um cutelo, as partes femininas" (PARKIN, 2009, p. 248). A enfermeira trabalha em um bairro periférico que abriga pessoas infectadas e tenta orientar essas pessoas para uma profissão com que possam sobreviver. A AIDS ainda é assunto tabu, a questão não é discutida abertamente, tanto é que a protagonista só ao longo da narrativa vai assumir o fato de que seu filho Benedict, a esposa deste e também sua filha Vinas foram contaminados.

A educação feminina é outro tópico sobre o feminino abordado na narrativa. A professora Sophie conta para Angel a respeito do projeto *Girls Who mean business*, em que as meninas vão receber aulas de empreendedorismo com o professor Pillay, da Universidade.

Está bem, deixe-me explicar. Este ano todo, tentei encorajar as meninas em minha escola a pensarem no futuro delas. Elas não sabem a sorte que têm por freqüentarem uma escola secundária – a maior parte das moças em Ruanda não passa do nível primário. Sim, e não apenas em Ruanda. Pergunte a qualquer pessoa que você encontrar de qualquer país africano e ela vai lhe dizer que será a mesma coisa na casa dela. (PARKIN, 2009, p. 148).

O empreendedorismo é incentivado porque, para as mulheres africanas, segundo a personagem, não há investimento em educação por parte dos pais, pois elas não ficam na família quando casam. As oportunidades para essas mulheres fora do casamento são escassas, uma saída criada para elas é a criação de novos empregos, novas formas de sobrevivência. Aqui vemos mais uma forma de reterritorialização, que passa por assumir sociabilidades geradas nesse novo contexto, em que os modos tradicionais são permeados de contribuições trazidas por práticas e instituições estrangeiras. Por outro lado, também ocorre a não-aceitação das práticas milenares pelo sujeito feminino, como através da simulação da cerimônia de mutilação feminina – a circuncisão: "Cortar e costurar as partes íntimas de uma menina para lhes dar uma aparência mais atraente para os homens com certeza não era algo racional de se fazer." (PARKIN, 2009, p. 272-3). A menina Safiya, Angel, a doutora Rejoice, Odile e Amina, a mãe da menina, fingem realizar a cerimônia para enganar Vincenzo, o pai de Safiya (PARKIN, 2009, p. 290). Outras personagens também são representativas das mobilidades que estão a ocorrer nessa sociedade, como a Sra. Wanyika, esposa do embaixador da Tanzânia em Ruanda. A embaixatriz representa o poder externo e o silenciamento de assuntos tabus como a AIDS. Amina e Safiya são da Somália; Ken Akimoto é do Japão; Sophie e Catherine são voluntárias americanas feministas que lecionam para mulheres. Tanta diversidade sugere uma ampliação do que se entende por território, que passa a ser um conjunto de "projetos e representações" de novos sujeitos que buscam se sentir "em casa":

A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam

segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Seguem outros exemplos dessas apropriações subjetivas de território. O guarda Modeste, que assistiu toda sua família ser massacrada, casa com Leocadie, cuja mãe está presa por participar dos “génocidaire”.¹⁰ Esse casamento simboliza a união de dois lados da guerra na política ruandense de reconciliação¹¹. Leocadie é mãe de Beckham, que ganhou esse nome porque chutava a barriga antes de nascer, e sobrevive gerindo um pequeno negócio. Modeste trabalha com Gaspard, ambos são guardas diurnos do condomínio. Patrice e Kalisaos são os guardas noturnos, e Prosper é quem administra o condomínio. A igreja se faz presente na figura do Padre Benedict, que ajuda Kayibanda Tharcisse Dieudonné (cujo nome significa dado por Deus) a obter uma bolsa de estudos em Nairóbi, para estudar contabilidade. A trajetória de Dieudonné constitui um exemplo de famílias separadas no período de guerra que, contudo, conseguem se reencontrar após longo período de busca nos tempos de paz. A corrupção governamental é refletida na fala dessa personagem:

Os líderes dos governos não pensam duas vezes antes de pegar dinheiro emprestado das grandes instituições financeiras, porque eles só terão de pagar num prazo de quarenta anos – em quarenta anos, já não será responsabilidade deles, já outro governo estará no poder. E quem se incomoda com a poluição da atmosfera e a destruição do planeta? Nós não vamos

ter de viver com as conseqüências disso. (PARKIN, 2009, p. 244).

O cenário de muitos acontecimentos retrata a localidade de Uganda para além do condomínio: a cidade de Gikongoro, capital do distrito de Nyamagabe, na Província do Sul, o Lago Kivu¹², o Hotel Du Lac, o rio Rusizi¹³ e a cidade de Cyangugu, localizada ao sudoeste de Ruanda, junto à fronteira da República Democrática do Congo, ao lado do Lago. São descritos ainda os locais por onde Angel transita: *Place de La Constitution, Office Rwandais du Tourisme et des Parcs Nationaux, Place de l'Indépedence, Banque Commerciale du Rwanda*. Observa-se que os nomes que se referem aos espaços públicos são africanos, já os espaços privados, aqui entendidos como prédios e instituições, quer sejam governamentais quer sejam particulares, são nomeados na língua do colonizador. Fica clara a dominação colonial que prevalece para além dos tempos de dependência. A isso acrescenta-se também a questão da diversidade linguística, sobressaindo-se como língua oficial a língua do colonizador, mesmo que em ambos os países – Tanzânia e Uganda, o idioma swahili seja oficial, juntamente com o inglês, sendo que em Uganda ao mesmo tempo é falado o francês, resquício da colonização belga. Sobre esta questão Angel pronuncia-se:

Bem, eu olhei no dicionário das crianças e lá diz que bilíngüe quer dizer que você sabe falar pelo menos duas línguas: kinyarwanda e francês, ou kinyarwanda e swahili, ou outras duas. No entanto, quando nosso presidente fala sobre ser bilíngüe, ele quer dizer apenas inglês e francês – idiomas *wazungus*. Será que ele

¹⁰ Na prisão, ocorre a super lotação dos espaços. No local que pode abrigar 600 detentos, possuem seis mil. (PARKIN, 2009, p. 68).

¹¹ Foi estimado que praticamente 800.000 pessoas foram massacradas em 1994.

¹² O Lago Kivu é um dos maiores lagos de África. Está situado na fronteira entre a República Democrática do Congo e o Ruanda. O lago Kivu desagua no rio Ruzizi, que segue para o sul e, por sua vez, desagua do lago Tanganica. O lago ficou conhecido como o local onde muitas das vítimas do genocídio de Ruanda em 1994 foram jogadas.

¹³ O Ruzizi forma a fronteira sul entre Ruanda e a República Democrática do Congo, e, junto com o Lago Tanganica, forma a fronteira entre a República Democrática do Congo e o Burundi.

que dizer que nossas línguas africanas não são línguas? (PARKIN, 2009, p. 189)¹⁴.

Vítima de mais uma desterritorialização, nesse caso linguística, Angel reconhece que sua língua materna não é suficiente para viver nesse novo país habitado por distintas etnias, costumes e nacionalidades, para tanto necessita aprender uma nova língua, o francês, que representa uma permanência da violência do passado colonial.

3 OS BOLOS COMO PRÁTICA COSMOPOLITA

Angel representa o sujeito que passa pelo processo de desterritorialização na trajetória de deslocamento Tanzânia-Uganda, sofrendo na própria pele a diáspora. No entanto, não se entrega inativamente ao destino, tenta criar novas raízes, mesmo que apenas temporariamente. Constrói junto aos seus netos e marido e também junto à comunidade uma colcha de retalhos de origens múltiplas – um novo território, no qual a esperança deve reinar, porque sempre há motivos para comemorar e celebrar a vida, a união. As ações de Angel junto ao condomínio são uma iniciativa que parte do privado, mas que acabam influenciando também no espaço público através de projetos e deslocamentos de sentidos em novas práticas como a conscientização através da educação dos perigos e precauções com a AIDS ou a educação profissional com preparação técnica para as mulheres. Há, portanto, uma reterritorialização nessas ações se pensarmos na noção de território como o conjunto “dos projetos e das representações” de um determinado grupo transformado por relações interpessoais em que novos laços são elaborados.

¹⁴ A principal língua do país é kinyarwanda, que é falada pela maioria dos ruandeses. Os principais idiomas europeus durante a era colonial eram o alemão, e depois francês, que foi introduzido pela Bélgica e manteve-se como língua oficial e falada após a independência. O afluxo de refugiados de Uganda e de outros lugares durante o século XX criou uma divisão linguística entre a população anglófona e o restante dos francófonos do país. Kinyarwanda, inglês e francês são línguas oficiais atualmente. Kinyarwanda é a língua do governo e o inglês é o principal idioma utilizado no meio educacional. O suaíli, a língua franca da África Oriental, também é amplamente falado, particularmente nas áreas rurais. Além disso, os habitantes de ilha Nkombo falam amashi, um idioma intimamente relacionada com o kinyarwanda.

Mais do que isso, ao interessar-se pela diferença representada nas histórias de vida dessas pessoas desorganizadas afetiva e espacialmente, Angel efetiva a reterritorialização através do sentido ético esperado de sociedades globais que, como tal, são resultantes de múltiplas culturas e etnias. De acordo com o que sustenta Kwame Appiah, “una verdad que sostenemos es que cada ser humano tiene obligaciones con todos los demás. Todos son importantes: esta es nuestra idea central” (2007, p. 191) Os bolos individualizados pelas histórias que os inspiram, pelo que representam como festa e capacidade de criação de vínculos, constituem uma aposta na reconciliação africana e na vivência de experiências produtivas de compartilhamento e tolerância, não obstante o rescaldo do colonialismo e das guerras civis e mesmo dos conflitos que, infelizmente, persistem não só neste continente.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitismo la ética en un mundo de extraños**. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

_____. **Mi cosmopolitismo**. Barcelona: Katz Editores e Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma Literatura Menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 3 ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.) **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

PRATT, Mary Louise. **Ojos imperiales literatura de viajes y transculturación**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

PARKIN, Gaile. **Assando bolos em Kigali**. Trad. Helena Londres. São Paulo: Globo, 2009.

SAID, Edward W. **Orientalismo o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SEGER, Linda. **Como criar personagens inesquecíveis**. Trad. Maria Silvia Junqueira, Marisa de Siqueira Lopes. São Paulo: Bossa Nova, 2006.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.